

PRÁTICAS INCLUSIVAS: APRENDIZAGEM COOPERATIVA

Daniela Alexandre Gonçalves de Menezes¹

INTRODUÇÃO

A Educação Infantil é o espaço privilegiado para o desenvolvimento integral da criança, onde se constroem as bases da convivência, da autonomia e da cooperação. Nesse contexto, as práticas inclusivas assumem papel fundamental ao reconhecer e valorizar as diferenças, assegurando que todas as crianças participem ativamente das experiências educativas, independentemente de suas condições físicas, cognitivas ou sociais. A aprendizagem cooperativa, enquanto metodologia que promove o trabalho em grupo e o apoio mútuo, favorece a construção de conhecimentos de forma coletiva, fortalecendo o sentimento de pertencimento e a interação entre os pares (Vygotsky, 1998; Johnson & Johnson, 1999). A utilização de recursos adaptados e de materiais reaproveitados, muitas vezes considerados descartáveis, emerge como uma estratégia criativa e sustentável para potencializar as experiências de aprendizagem. Esses materiais, quando ressignificados no ambiente educativo, possibilitam o acesso de todas as crianças às atividades, promovendo a exploração sensorial, a imaginação e o diálogo.

Promover práticas inclusivas na Educação Infantil por meio de propostas baseadas na aprendizagem cooperativa, utilizando recursos adaptados e materiais reaproveitados para favorecer a interação entre os pares e a participação ativa de todas as crianças nas experiências de aprendizagem. Além disso, contribuem para a conscientização ambiental e para o desenvolvimento de práticas pedagógicas mais acessíveis e inclusivas (Kishimoto, 2011; Mantoan, 2003).

No contexto da Educação Infantil, tais propostas permitem que as crianças aprendam umas com as outras, construindo conhecimentos de forma colaborativa e desenvolvendo competências socioemocionais essenciais, como empatia, solidariedade e respeito às diferenças. Assim, a adoção de práticas inclusivas mediadas pela aprendizagem cooperativa e pelo uso de

¹ Mestranda do Curso de Ciências da Educação pela Unades - PY,

recursos adaptados representa não apenas um caminho pedagógico, mas também um compromisso ético com a educação para todos.

METODOLOGIA

Essa vivência partiu de uma experiência qualitativa, descritiva e observatória desenvolvida com a turma do Infantil 3/G no Cei José Mario Mota Barbosa no município de Maranguape, tendo como base a aprendizagem cooperativa e o respeito à diversidade. As atividades foram organizadas em pequenos grupos, favorecendo a cooperação e a troca de saberes, com o professor atuando como mediador. As etapas da proposta incluíram: planejamento e sensibilização, confecção de materiais adaptados, desenvolvimento de atividades cooperativas e observação com registros sistemáticos e fotograficos feitos por um adulto. As brincadeiras utilizaram materiais recicláveis, como garrafas pet, tampinhas e caixas, visando à inclusão e à sustentabilidade. A avaliação foi processual e qualitativa, observando o envolvimento, a cooperação e o respeito às diferenças, valorizando o desenvolvimento integral das crianças.

REFERENCIAL TEÓRICO

A Educação Infantil, conforme a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017), constitui a primeira etapa da Educação Básica e deve garantir às crianças o direito de aprender e se desenvolver de maneira integral, em suas dimensões intelectual, física, afetiva, social e simbólica. Nessa perspectiva, o brincar, a interação e a cooperação entre pares são elementos essenciais para que o processo educativo ocorra de forma significativa e inclusiva.

Assim, a escola deve se configurar como um espaço em que todas as crianças participem ativamente das experiências, respeitando-se suas singularidades e tempos de aprendizagem.

A aprendizagem cooperativa, conforme Johnson e Johnson (1999), propõe que o conhecimento é construído de modo mais efetivo quando os alunos trabalham juntos em pequenos grupos, com objetivos comuns, apoiando-se mutuamente. Essa abordagem enfatiza a interdependência positiva, a responsabilidade individual e coletiva e o desenvolvimento de habilidades sociais, fundamentais desde a infância. Ao se aplicarem tais princípios na Educação

Infantil, cria-se um ambiente de colaboração, solidariedade e respeito mútuo, no qual as crianças aprendem não apenas conteúdos, mas também valores humanos.

Segundo Vygotsky (1998), o desenvolvimento cognitivo e social da criança ocorre por meio da interação com o outro e da mediação cultural. O autor defende que o aprendizado antecede o desenvolvimento, sendo impulsionado pelas trocas sociais. Essa concepção reforça a importância da cooperação e da mediação do professor como elementos centrais para que as crianças avancem em suas zonas de desenvolvimento proximal. Desse modo, atividades cooperativas e inclusivas promovem experiências compartilhadas que ampliam o repertório cultural e comunicativo das crianças, fortalecendo os vínculos afetivos e o senso de pertencimento ao grupo. A educação inclusiva, conforme Mantoan (2003), deve ser compreendida como um movimento que busca garantir o direito de todos à educação de qualidade, reconhecendo e valorizando a diversidade como um fator de enriquecimento do processo educativo.

A autora destaca que incluir é muito mais do que integrar fisicamente alunos com necessidades específicas; é reorganizar a prática pedagógica, as estratégias e os recursos, de modo a permitir que todos aprendam juntos, em um ambiente de acolhimento e respeito.

Essa concepção rompe com modelos excludentes e propõe uma escola que ensina por meio da convivência, da empatia e da cooperação. Nesse contexto, o uso de recursos adaptados e materiais reaproveitados surge como uma alternativa criativa e pedagógica capaz de favorecer a participação de todas as crianças. Ao reutilizar objetos do cotidiano, como garrafas pet, tampinhas, caixas e tecidos, o professor amplia as possibilidades de exploração sensorial e simbólica, além de contribuir para a formação de uma consciência ambiental. Conforme Kishimoto (2011), o brincar é uma linguagem própria da infância e uma forma privilegiada de aprendizagem. O ato de brincar com materiais não estruturados e reaproveitados estimula a imaginação, a curiosidade e a colaboração, permitindo que cada criança participe de acordo com suas potencialidades.

A proposta de aprendizagem cooperativa aliada à inclusão, portanto, favorece não apenas o desenvolvimento cognitivo, mas também o crescimento social e emocional das crianças. De acordo com Vygotsky (1998), o aprendizado se dá em um contexto social e

coletivo, e é através das interações que o indivíduo internaliza conhecimentos e desenvolve novas habilidades. Assim, as práticas pedagógicas baseadas na cooperação e na adaptação de recursos tornam-se instrumentos essenciais para promover a igualdade de oportunidades, a autonomia e o respeito à diversidade.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A realização da vivência possibilitou observar avanços significativos no desenvolvimento das crianças, tanto no aspecto social quanto no cognitivo e emocional. As propostas de práticas inclusivas e cooperativas implementadas promoveram a participação ativa de todas as crianças, respeitando suas individualidades e ritmos de aprendizagem. Através das atividades planejadas, foi possível perceber que, quando o ambiente educativo se organiza de forma colaborativa, o protagonismo infantil é fortalecido e as interações tornam-se mais significativas.

Durante as atividades com materiais reaproveitados e adaptados, as crianças demonstraram grande curiosidade, envolvimento e criatividade. A utilização desses recursos estimulou a exploração sensorial e motora, além de favorecer a resolução de problemas em grupo. Notou-se que a confecção coletiva dos materiais contribuiu para o desenvolvimento da autonomia e da responsabilidade compartilhada, reforçando a importância do trabalho em equipe e da sustentabilidade, aspectos que dialogam diretamente com os princípios da BNCC (2017).

A observação das interações cotidianas revelou que as práticas cooperativas favoreceram o surgimento de atitudes de ajuda mútua, empatia e respeito às diferenças. As crianças passaram a demonstrar maior disposição em colaborar, dividir materiais e acolher as ideias dos colegas. Esse movimento confirma o que Vygotsky (1998) destaca sobre a aprendizagem como um processo social e interativo, no qual o desenvolvimento acontece a partir das relações estabelecidas com o outro. Além disso, foi possível constatar que as estratégias inclusivas adotadas possibilitaram o envolvimento afetivo de todas as crianças, inclusive daquelas com diferentes necessidades de aprendizagem.

As adaptações de materiais e a mediação atenta do educador garantiram que todos participassem das atividades, reafirmando que a inclusão se concretiza quando o professor planeja ações que valorizam a diversidade e eliminam barreiras à participação. Essa perspectiva se alinha ao pensamento de Mantoan (2003), ao compreender que a escola inclusiva é aquela que se transforma para atender a todos, e não aquela que espera que os alunos se adequem a um modelo único.

Os resultados obtidos também evidenciam que a aprendizagem cooperativa, conforme defendem Johnson e Johnson (1999), promove não apenas o avanço cognitivo, mas também o desenvolvimento de competências socioemocionais essenciais, como a empatia, o diálogo e a responsabilidade coletiva. As experiências vivenciadas mostraram que, quando as crianças aprendem juntas, elas constroem novos significados, desenvolvem a autonomia e fortalecem vínculos afetivos, tornando-se mais seguras e participativas.

Portanto, as experiências observadas nesta vivência reforçam a relevância de práticas pedagógicas que integrem inclusão, cooperação e sustentabilidade. O ambiente educativo se consolidou como um espaço de convivência e aprendizagem compartilhada, no qual o brincar, o cuidar e o aprender se entrelaçam na construção de uma educação mais humana, democrática e significativa para todas as crianças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência evidenciou a importância das práticas inclusivas e da aprendizagem cooperativa como caminhos fundamentais para a promoção de uma educação humanizadora e equitativa na Educação Infantil. Ao propor experiências que valorizam a diversidade e o trabalho coletivo, o ambiente escolar se transforma em um espaço de acolhimento, respeito e participação ativa, onde todas as crianças têm voz e vez no processo de aprendizagem. As atividades desenvolvidas com materiais reaproveitados e adaptados demonstraram que é possível aliar criatividade, sustentabilidade e inclusão, promovendo vivências significativas que estimulam o desenvolvimento integral das crianças. O uso desses recursos contribuiu para ampliar as possibilidades de exploração sensorial, motora e cognitiva, além de incentivar o consumo consciente e o cuidado com o meio ambiente — aspectos que se articulam com os princípios da BNCC (2017).

A partir das interações e das situações de cooperação vivenciadas nas atividades, foi possível observar o fortalecimento dos vínculos afetivos, da autonomia e da capacidade de ajudar o outro, aspectos essenciais para a formação de sujeitos empáticos e solidários. Conforme Vygotsky (1998) destaca, é na relação com o outro que a criança se desenvolve, constrói significados e amplia suas potencialidades. Já Johnson e Johnson (1999) reforçam que a aprendizagem cooperativa favorece não apenas o avanço cognitivo, mas também a construção de atitudes positivas diante da convivência em grupo. Além disso, a vivência reafirma que a inclusão não se limita à presença física das crianças com diferentes necessidades, mas envolve a transformação das práticas pedagógicas para garantir que todas aprendam e participem de

forma ativa. Nesse sentido, as contribuições de Mantoan (2003) são essenciais, pois apontam que uma escola inclusiva é aquela que se adapta às diferenças, reconhecendo-as como fonte de riqueza e aprendizado mútuo.

Portanto, este relato reforça que o papel do educador na Educação Infantil é o de mediador e facilitador das interações, um profissional sensível às necessidades de cada criança e comprometido com a construção de uma educação baseada na cooperação, na solidariedade e no respeito às diferenças. Através de práticas simples, criativas e significativas, é possível construir uma escola mais inclusiva, sustentável e afetiva, onde cada criança se sinta pertencente e capaz de aprender junto com os outros.



Foto 1 - Crianças explorando materiais adaptados na sala referência. Cei José Mário Mota Barbosa.



Foto 2 - Crianças interagindo utilizando materiais reaproveitados. Cei José Mário Mota Barbosa.

Palavras-chave: inclusão; aprendizagem cooperativa; educação infantil.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2017.

JOHNSON, D. W.; JOHNSON, R. T. Learning Together and Alone: **Cooperative, Competitive, and Individualistic Learning**. Boston: Allyn and Bacon, 1999.

KISHIMOTO, T. M. **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. São Paulo: Cortez, 2011.

MANTOAN, M. T. E. **Inclusão escolar: o que é? por quê? como fazer?** São Paulo: Moderna, 2003.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1998.

